

Victoria Schwab

A GUARDIÃ
DOS VAZIOS

Livro 2 de A Guardiã de Histórias

Tradução
Daniel Estill

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2018

UM

Meu corpo implora por sono.

Sentada no telhado do Coronado, o corpo suplica, implora que eu desça do ombro quebrado da gárgula, que me arraste para dentro, desça as escadas, atravesse o apartamento ainda às escuras e me enfie na cama — para *dormir*.

Mas não consigo.

Não consigo porque, sempre que adormeço, eu sonho. E, sempre que sonho, sonho com Owen. Com seus cabelos prateados, seus olhos frios, seus dedos longos alisando casualmente sua faca predileta. Sonho com ele passando o gume afiado da lâmina pela minha pele enquanto murmura que a “verdadeira” Mackenzie Bishop deve estar oculta em algum lugar sob toda aquela carne.

Eu vou te achar, M, sussurra enquanto corta. Vou te libertar.

Em algumas noites ele me mata depressa; em outras, faz o tempo render — no entanto, acordo em todas com um pulo, abraçando-me com força, o coração a mil enquanto procuro cortes frescos na minha pele.

Não há nenhum, é claro. Porque não há nenhum Owen.

Não mais.

Já se passaram três semanas e, mesmo com toda a escuridão que não me deixa ver mais do que apenas as silhuetas pelo telhado cobertas pela noite, meus olhos ainda assim encontram o local — um círculo de gárgulas — onde aquilo aconteceu. Ou, pelo menos, onde *acabou*.

Pare de correr, senhorita Bishop. Não há para onde ir.

A lembrança é tão vívida: Wesley sangrando do outro lado do telhado enquanto Owen pressionava a lâmina entre meus ombros e me oferecia uma opção, que não era uma opção de verdade por causa do metal cortando minha pele.

Não precisa terminar assim.

Palavras, promessas, ameaças suspensas entre nós pelo tempo necessário para que eu girasse a chave no ar atrás das costas dele, abrisse

uma fenda no mundo, uma porta do nada para o nada — para *lugar nenhum* — e o jogasse ali.

Agora meus olhos se deparam com a marca invisível, *impossível*. Não passa de um arranhão no ar; tudo o que restou da porta para o vazio. Mesmo que eu não possa ver a marca, sei exatamente onde ela está: a mancha escura por onde meus olhos deslizam, atraídos e repelidos ao mesmo tempo pelo fora de lugar, pelo anormal, pelo *errado*.

A porta para o vazio é uma coisa estranha, corrosiva.

Tentei revisitar aquele dia, decifrar o que aconteceu entre as estátuas no telhado, mas minhas lembranças foram todas arruinadas. A abertura para o vazio provocou uma superexposição, como a de um filme, devorando minutos inteiros — os mais importantes da minha vida —, deixando só ruído branco no lugar.

Mas não preciso ler as imagens nas pedras: eu me *lembro*.

Uma pedra se solta de uma estátua do outro lado do telhado e dou um pulo, quase perdendo o equilíbrio em cima da gárgula. Minha cabeça começa a pesar daquele jeito perigoso, à deriva; por isso, desço antes de cair, mexendo o pescoço enquanto as primeiras lascas de luz arrastam-se no céu. Fico tensa quando as vejo. Não estou nada pronta para o dia de hoje, e não é só pela noite de sono perdida. Não estou pronta para o uniforme pendurado na cadeira nem para o novo rosto que terei que vestir com ele. Não estou pronta para o campus cheio de corpos cheios de barulhos.

Não estou pronta para a Escola Hyde.

Mas o sol continua a surgir, mesmo assim.

A alguns metros de distância, uma gárgula se destaca das demais. Seu corpo de pedra está coberto com almofadas velhas e fita adesiva: as almofadas, roubadas de um armário do saguão do Coronado; a fita, de uma gaveta da cafeteria. Um substituto fajuto para um boneco de treinamento de boxe, mas é melhor do que nada — e já que não posso dormir, posso aproveitar para treinar.

Agora, conforme a alvorada espalha-se pelo telhado, desenrolo a atadura de treinamento cuidadosamente das mãos, fazendo uma careta quando o sangue retorna ao meu pulso direito. Dor, baça e constante, irradia-se até os dedos. É outra relíquia daquele dia. *Owen me segura como um alicate, apertando até os ossos estalarem, e a faca em minha mão cai*

com estrépito no chão dos Estreitos. Meu pulso provavelmente melhoraria mais rápido se eu não passasse o tempo socando bonecos improvisados, mas, por estranho que pareça, a dor me faz sentir com os pés no chão.

Estou quase terminando de tirar a atadura quando sinto o arranhão familiar das letras no pedaço de papel no bolso. Pego o bilhete e, à luz nascente do dia, mal consigo distinguir o nome no meio da folha.

Ellie Reynolds. 11.

Passo o polegar pelo nome, como se esperasse sentir as marcas deixadas pela caneta, mas aquela estanha escrita jamais deixa uma impressão real. Uma mão no Arquivo escreve o nome num livro, que ecoa em palavras no papel comigo. Era só encontrar a História e o nome desaparecia. (Sem deixar nenhuma marca. Pensei em manter uma lista das pessoas que encontrei e retornei, mas meu avô, Da, teria me dito que não fazia sentindo guardar esse tipo de coisa. *Fique olhando por muito tempo para alguma coisa, diria ele, e você começa a pensar. E aonde esses pensamentos te levam? A nenhum lugar que preste.*)

Sigo para a porta enferrujada do telhado. Encontrar Ellie Reynolds deve me manter ocupada, pelo menos até uma hora mais aceitável para estar acordada. Se eu contasse aos meus pais como tenho passado minhas noites — metade em pesadelos, metade aqui, no telhado —, me mandariam para um terapeuta. Só que, se contasse como passei os últimos quatro anos e meio da minha vida — caçando e retornando as Histórias dos mortos —, eles me trancariam num hospício.

Desço quatro andares das escadas de concreto, bem consciente do silêncio e do som dos meus passos cortando-o como uma faca. No terceiro andar, o patamar da escada me lança num corredor adornado com papel de parede amarelo e gasto, e lustres de cristal empoeirados. O apartamento 3F me espera do outro lado, e parte de mim deseja desesperadamente voltar para casa, mas a outra parte não quer correr o risco. Em vez disso, paro a meio caminho, logo após os elevadores similares a gaiolas de metal, no lugar emoldurado por um espelho velho e por uma pintura do mar.

Junto à pintura, posso ver uma ranhura, como uma ruga no papel de parede, que atrai e afasta meu olhar ao mesmo tempo. É uma maneira

muito fácil de saber que alguma coisa não se encaixa quando os olhos mal conseguem distinguir aquilo que não é para ser visto. Como lá no telhado. Mas, diferente de lá, quando tiro o anel de prata do dedo, o desconforto desaparece e vejo a forma com a nitidez do cristal no meio da fenda.

O buraco de uma fechadura.

Uma porta para os Estreitos.

Passo os dedos pelo pequeno ponto escuro, hesitando por um momento. As paredes entre os mundos costumavam parecer ser feitas de pedra — pesadas e impenetráveis. Ultimamente, parecem finas demais. Os segredos, as mentiras e os monstros vazam por elas, destruindo limites claros.

Mantenha seus mundos separados, advertia Da. *Clara e firmemente separados*.

Mas está tudo confuso agora. O medo me segue para dentro dos Estreitos. Meus pesadelos me seguem.

Tiro o colar de couro do pescoço, passando-o por cima da cabeça. A chave na ponta brilha sob a luz artificial do corredor. Não é minha — não é de Da, quero dizer — e na primeira vez que a usei para abrir a porta para os Estreitos, lembro-me de ter ficado chateada por substituir a chave de meu avô com tanta facilidade. Como se fossem a mesma.

Sinto o peso desta na palma da mão. É muito nova e um pouco mais leve, e não é apenas um pedaço de metal, mas um símbolo: um aviso de que chaves, liberdade, lembranças e vidas podem todas ser tomadas. Não que eu precise de um lembrete. A pergunta de Agatha está gravada na minha memória.

Apenas alguns dias tinham se passado. Tempo suficiente para os hematomas colorirem minha pele, mas não o bastante para curar meu pulso. Agatha estava sentada na cadeira dela, sorrindo tranquilamente, e eu na minha, tentando não deixá-la ver como minhas mãos tremiam sem parar. Eu estava sem chave — ela confiscara a minha — e não poderia sair do Arquivo sem uma. O problema, segundo Agatha, era que eu tinha olhado por trás da cortina, visto as engrenagens e falhas do sistema. A pergunta era: eu deveria ter permissão para lembrar? Ou será que o Arquivo deveria arrancar tudo que eu já tinha visto e feito dentro de sua jurisdição, deixando-me cheia de furos, mas livre do peso daquilo tudo?

Se eu tiver escolha, respondi, prefiro aprender a viver com o que eu sei. Vamos esperar que você esteja fazendo a escolha certa, disse ela, colocando a nova chave na palma da minha mão. Ela dobrou meus dedos sobre a chave e complementou: *E eu também.*

Agora, de pé no corredor, deslizo e enfio a chave de Agatha na marca do papel de parede amarelo e observo as sombras se espalharem para fora da fechadura, empapando-a como se fosse tinta cobrindo a parede à medida que a porta ganha forma. Quando se completar — suas beiradas marcadas pela luz —, poderei virar a chave. No entanto, por um segundo, não consigo. Minha mão começa a tremer, então aperto a chave até sentir o metal machucar a pele, e a dor me liberta para eu escancarar a porta e adentrar os Estreitos.

Quando a porta se fecha atrás de mim, prendo a respiração como fazem as crianças quando passam por um cemitério. É uma superstição — apenas o desejo bobo de que coisas ruins não aconteçam, a menos que você o permita. Eu me obrigo a ficar parada no escuro até que meu corpo reconheça que Owen não está aqui, que somos só eu e, em algum lugar do labirinto de corredores, Ellie Reynolds.

Ela se revela como um retorno simples quando eu a encontro.

Histórias são mais fáceis de rastrear quando fogem, já que projetam lembranças como sombras por cada centímetro de chão que cobrem. Mas Ellie fica parada, encolhida num canto dos Estreitos, próxima aos limites do meu território. Quando a encontro, ela me acompanha sem lutar — o que é bom. Me apoiar contra a parede úmida é tudo que posso fazer para manter os olhos abertos. Eu me arrasto de volta para as portas numeradas que me levam para casa, bocejando quando chego àquela com o numeral romano que pintei com giz. Volto para o Exterior, aliviada ao encontrar o corredor do terceiro andar tão silencioso quanto o deixei. É muito fácil perder a noção do tempo nos Estreitos, onde relógios não funcionam, e hoje, principalmente, não posso me dar ao luxo de me atrasar.

A luz do sol inunda o apartamento pelas janelas enquanto fecho a porta com todo o cuidado e atravesso a sala, os passos abafados pelo som da cafeteira e pelo zumbido baixo da TV. Sob o letreiro de data e hora na tela — seis e quinze da manhã, quarta-feira —, um âncora de noticiário fala do tráfego e da rodada de esportes antes de mudar de assunto.

— A seguir — diz ele, remexendo nos papéis —, as últimas notícias sobre um crime que confundiu a todos. Uma pessoa desaparecida. Uma cena de crime desarrumada. Terá sido invasão, sequestro ou algo pior?

O âncora solta a manchete com um pouco de entusiasmos demais, mas algo na cena congelada atrás dele atrai minha atenção. Estou me aproximando da TV quando o som abafado de passos no quarto de meus pais me lembra de que estou parada no meio do apartamento, ainda vestida com as roupas pretas justas de Guardiã, às seis da manhã.

Enfio-me no banheiro e abro o chuveiro correndo. A água está quente, e a sensação é maravilhosa. O calor solta meus ombros e alivia os músculos doloridos, o som da água preenche o banheiro com ruído branco, contínuo e apaziguador. Meus olhos começam a se fechar, e então...

Oscilo e me seguro no instante que já ia caindo para frente, na direção da parede. A dor atravessa o pulso ferido quando me firmo no ladrilho e xingo baixo, abrindo o registro de água fria. A água gelada atinge minha pele, o choque me fazendo sofrer, mas me despertando também.

Estou enrolada na toalha, indo para meu quarto, as roupas de Guardiã enroladas debaixo do braço, quando a porta dos meus pais se abre e meu pai surge. Está com uma caneca de café na mão, exalando sua aparência comum de falta de sono e excesso de cafeína.

— Bom dia — resmungo.

— Ótimo dia, minha querida. — Ele me tasca um beijo na testa e o barulho, a estática que todas as pessoas vivas carregam consigo, o som de seus pensamentos e lembranças, me atravessa, as imagens em si contidas apenas pelo anel de Guardiã no meu dedo. — Acha que está pronta?

— Duvido — respondo, resistindo ao impulso de dizer que não tenho escolha.

Em vez disso, eu o escuto dizer que estarei à altura do desafio. Até consigo sorrir, dar de ombros e responder “Com certeza” antes de escapar para o quarto.

A água fria pode ter bastado para me despertar, mas dificilmente me preparou para o uniforme da escola à minha espera na cadeira. A água escorre do cabelo para os olhos enquanto analiso a camisa polo preta, mangas compridas, detalhes prateados e um brasão no bolso sobre o peito, e a saia quadriculada com um padrão preto, prateado, verde e dourado. As cores

da Escola Hyde. No catálogo, meninos e meninas estudam sob carvalhos centenários, uma antiga cerca de ferro de um lado e um prédio coberto de musgo do outro. O retrato da classe, charme e inocência protegida.

Pego meu celular recém-carregado e mando uma mensagem rápida para Wesley.

Não estou pronta para isso.

Wesley Ayers, que se rotulou no meu telefone como *Wesley Ayers, Parceiro no Crime*, está fora há quase uma semana; viajou logo depois do casamento do pai para uma lua de mel estilo “reforço dos laços familiares”. A julgar pela frequência de suas mensagens, eu diria que ele está escapando de boa parte dos laços.

Pouco depois, ele responde.

Você é uma Guardiã. Você caça registros animados dos mortos em seu tempo livre. Tenho certeza de que vai dar conta de um colégio particular.

Posso imaginar Wesley apoiando a cabeça nas mãos ao dizer isso, uma sobrelha arqueada, os olhos castanhos calorosos e brilhantes, marcados com delineador preto. Mordo os lábios, sorrindo de leve. Estou tentando pensar em alguma coisa sagaz para responder quando ele me escreve de novo.

O que você está vestindo?

Meu rosto enrubesce. Sei que ele está apenas implicando, já que viu meu uniforme antes de viajar, mas não consigo deixar de me lembrar do que aconteceu no jardim, na semana passada, no dia do casamento. O jeito

como seus lábios sorriram junto do meu queixo, seu ruído agora familiar — uma cacofonia de baterias e contrabaixos — me pressionando com seu toque antes que eu encontrasse forças para lhe afastar. A mágoa em seus olhos logo após minha rejeição — tão bem disfarçada que a maioria das pessoas sequer perceberia. Mas eu percebi. Vi em seu rosto quando ele recuou, nos ombros dele ao se afastar, nos cantos dos lábios quando me disse que tudo bem. Que *nós* estávamos bem. E quis acreditar nele, mas não acreditei. Não acreditei.

E esse é o motivo pelo qual ainda estou parada aqui, enrolada na toalha, tentando pensar numa resposta, quando ouço a porta do apartamento abrir e depois bater. Um segundo depois, uma voz ofegante chama meu nome, e depois alguém bate na porta do quarto. Largo o telefone.

— Estou me vestindo.

Como se tivesse sido um convite, a porta começa a se abrir. Impeço com a palma da mão e forço para fechar novamente.

— *Mackenzie* — diz minha mãe, bufando —, só quero ver como ficou o uniforme.

— E vou te mostrar — respondo no mesmo tom — assim que eu *vestir* ele. — Ela fica em silêncio, mas sei que continua parada no corredor, junto da porta. Enfia a polo pela cabeça e abotoo a saia. — Você não deveria estar na cafeteria, preparando para abrir?

— Eu não queria deixar de te ver — diz minha mãe do outro lado da porta. — É o seu primeiro dia...

A voz dela vacila antes de se calar, e solto um suspiro alto. Aproveitando a deixa, ela se afasta pelo corredor, os passos ecoando. Quando finalmente saio do quarto, ela está sentada à mesa da cozinha, usando um avental da Bishop's, dando uma olhada no folheto da Escola Hyde sobre os comportamentos aprovados e os rejeitados. (Os estudantes são estimulados a agir de maneira solícita, respeitosa e polida, mas a não usar maquiagem, piercing, cabelos pintados ou adotar comportamento buliçoso. A palavra *buliçoso* foi mesmo usada no folheto. Destaquei os pedaços que acho que Lyndsey vai gostar — só porque ela está a uma hora daqui, não significa que não possa dar uma boa risada às minhas custas.)

— E aí? — pergunto, concedendo um giro lento para minha mãe. — Que tal?

Ela levanta o olhar e sorri, mas os olhos brilham e sei que entramos em território sensível. Meu estômago revira. Tenho feito o máximo para não pensar no assunto, mas, ao ver o rosto dela — o súbito conflito entre a tristeza e uma teimosa alegria —, não consigo deixar de pensar em Ben.

Meu irmão caçula foi morto ano passado, a caminho da escola, poucas semanas antes do início do verão. Aquele dia terrível do último outono, quando voltei às aulas sem Ben, permanecerá como um dos mais infelizes da história da minha família. Foi como sangrar até a morte, só que ainda mais doloroso.

Assim, quando vejo a tensão nos olhos de mamãe, agradeço por já termos superado o espaço de um ano desde então, apesar da fugacidade do tempo. Deixo que passe os dedos ao longo dos detalhes prateados na linha do ombro de minha blusa polo, esforçando-me para permanecer imóvel sob o som triturador que seus dedos despejam e que atravessa minha cabeça quando ela me toca.

— É melhor você voltar para a cafeteria — digo entre dentes, e mamãe deixa a mão cair, confundindo meu desconforto com aborrecimento.

Ainda assim, ela consegue sorrir.

— Já está pronta?

— Quase — respondo.

Em vez disso, faço uma verificação rápida: primeiro, as coisas mundanas — mochila, carteira, óculos escuros — depois, o específico — anel no dedo, chave pendurada no pescoço, lista no... Nada de lista. Volto para o quarto para procurar o pedaço de papel fornecido pelo Arquivo, ainda enfiado no bolso da calça. Meu celular ainda está lá também, caído no pé da cama, onde o larguei antes. Transfiro a folha de papel — momentaneamente em branco — para o bolso da frente da blusa e digito uma resposta rápida para a pergunta de Wesley...

O que você está vestindo?

Armadura.

... antes de jogar o telefone dentro da mochila.

No caminho para a rua, mamãe faz o discurso completo sobre ter cuidado, ser gentil, jogar limpo com os outros. Quando chegamos ao final da escada de mármore do saguão, ela tasca um beijo na minha bochecha (soa como pratos se quebrando na minha cabeça) e me manda sorrir. Então, um homem idoso chama do saguão, perguntando se o café já está aberto, e fico olhando ela se afastar, apressada, manifestando sua alegria matinal ao conduzi-lo para a cafeteria Bishop's.

Empurro as portas giratórias do Coronado e vou para o bicicletário recém-instalado. Apenas uma bicicleta está presa com um cadeado ali, um troço de metal velho marcado — *adornado*, como diria Wes — com uma fita adesiva na qual a palavra DANTE foi escrita com um marcador permanente. Eu sabia que um carro estava fora de questão, pois todo o nosso dinheiro tem sido direcionado para a cafeteria ultimamente, mas tive a ideia de pedir uma bicicleta. Meus pais se surpreenderam; acho que acreditavam que eu fosse simplesmente pegar o ônibus (o urbano, é claro, não o escolar; a Escola Hyde não se rebaixaria a ter seu nome aplicado na lateral de uma monstruosidade amarela, e, além disso, é mais provável que os alunos normais de lá dirijam os próprios Lexus). Só que ônibus não passam de caixas estreitas lotadas de corpos cheios de ruídos. Só pensar nisso já me dá calafrios.

Tiro a calça comprida de trabalho da mochila e a visto sob a saia antes de destrancar Dante. O toldo do café balança com a brisa, e as gárgulas do telhado olham do alto enquanto passo a perna sobre o quadro e uso o meio-fio para pegar impulso.

Estou na metade da quadra quando alguma coisa, *alguém*, atrai meus olhos, e eu diminuo a velocidade e olho para trás.

Tem alguém do outro lado da rua do Coronado, olhando para mim. Um homem, trinta e poucos anos, cabelo louro e pele bronzeada. Está de pé no meio-fio, protegendo os olhos do sol e examinando o velho hotel como se estivesse profundamente interessado. Posso jurar que, no momento anterior, quando passei depressa, ele estava de olho em mim. Mesmo agora, quando não está, a sensação não dá trégua.

Paro na esquina, fingindo ajustar as marchas da bicicleta enquanto observo-o não me observar. Há algo familiar nele, mas não consigo

apontar bem o que é. Talvez tenha passado na Bishop's durante o meu turno, talvez seja amigo de algum morador do Coronado. Ou talvez eu nunca o tenha visto antes e ele simplesmente tenha um rosto comum. Talvez eu só precise dormir. No momento em que deixo a dúvida se instalar, ela acaba com minha convicção e, de súbito, nem tenho mais certeza de se estava me observando no começo. Quando ele atravessa a rua, segundos depois, e desaparece pelas portas da frente do Coronado sem nem mesmo se virar para mim, afasto os pensamentos e saio pedalando.

A manhã está fresca e eu aprecio o ar puro e o vento nas orelhas enquanto percorro as ruas. Mapeei o trajeto ontem — fiz um desenho na mão hoje cedo, só para garantir — mas nem chego a olhar para esse mapa. A cidade se desdobra parente mim, uma malha vasta, iluminada pelo sol, em contraste com os corredores emaranhados e escuros com os quais estou acostumada.

E, por alguns minutos, enquanto o mundo passa como um borrão ao meu redor, quase me esqueço de como estou cansada, de como temi o dia de hoje. Só que então viro a esquina e este momento se vai, pois me deparo com as pedras cobertas de musgo, os muros cobertos de hera e os portões de ferro da Escola Hyde.

DOIS

Minha família está prestes a fugir.

Faz quase um ano que Ben morreu e o nosso lar, de algum jeito, se transformou numa casa, algo mantido a certa distância. Dizem que a única forma de escapar é enfrentando, mas, pelo que parece, isso não é verdade. A outra opção, eu sei agora, é virar as costas e sair correndo. Meus pais começaram a fazer as malas; as coisas estão sumindo, uma a uma, dentro de caixas. Tento não olhar. Junto com me esforçar para sobreviver ao segundo ano e manter minha lista de Histórias vazia, tenho realizado um ótimo trabalho de ignorar o vazio em forma de Ben na minha vida, mas, a esta altura, está difícil de não enxergar os sinais, mesmo para mim.

Mamãe se demite de novo.

Papai começa a viajar vestindo seus ternos mais acadêmicos.

A casa passa mais tempo vazia do que habitada.

Até que certo dia, quando estou sentada na mesa da cozinha, estudando para as provas de fim de ano, papai chega de viagem — uma entrevista, pelo jeito — e coloca um folheto diante de mim. Termino o parágrafo que estou lendo antes de deixar meus olhos se moverem sobre o papel brilhante. À primeira vista, parece uma faculdade, mas as pessoas espalhadas pela capa, em posições estudadas, vestem uniformes pretos, verdes, com detalhes prateados e dourados, e a maioria deles parece jovem demais para serem universitários. Leio o nome impresso em maiúsculas góticas no alto: ESCOLA HYDE.

Eu deveria me recusar. Já é difícil se enturmar numa escola com mil e quinhentos alunos, e, entre o vazio em forma de Ben e o papel do Arquivo sendo constantemente preenchido, mal consigo manter minhas notas altas.

Mas papai está com aquele terrível olhar de esperança — nem tenta o discurso de que “isso vai aprimorar meu portfólio acadêmico”, não se preocupa em me dizer que “é uma escola menor,

mais fácil de conhecer pessoas”; e parte direto para o golpe de misericórdia. O incentivo questionador, silencioso, de que aquilo “será uma aventura”.

E talvez ele esteja certo.

Ou talvez eu só não suporte nosso lar que virou casa.

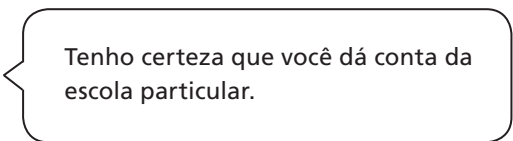
Talvez eu também queira fugir.

Aceito.

Eu deveria ter me recusado.

É tudo em que consigo pensar ao parar a bicicleta e olhar para a Escola Hyde. O campus está oculto pela grade de ferro antiga e o estacionamento na frente está lotado de carros bacanas e estudantes que parecem ter saído direto do catálogo que papai me trouxe na primavera passada. Também tem um bicicletário, mas os únicos estudantes por ali ou são calouros ou então do segundo ano. Dá para saber pela cor dos frisos nas camisas dos uniformes. (De acordo com o folheto, alunos do primeiro ano são identificados por detalhes em preto brilhante; do segundo, por frisos verdes; do terceiro, por prata; do último, por ouro.)

Passo ao largo do estacionamento, encosto a bicicleta numa árvore e tiro o celular da mochila para reler a mensagem de Wesley.



Tenho certeza que você dá conta da escola particular.

Dando uma olhada ao redor, não me sinto tão confiante. Não são os uniformes que me abalam, nem mesmo o ar óbvio de famílias antigas muito ricas — eu não seria uma Guardiã se não fosse capaz de me misturar. É o fato de que posso contar o número de alunos aqui em menos de um minuto, se quisesse. São tão poucos que acredito que posso acabar por saber o nome e reconhecer o rosto de todos. O que significa que todos também poderão vir a me conhecer. Minha outra escola era grande o suficiente para me assegurar certo nível de anonimato. Tenho certeza de que *havia* um radar, mas era fácil ficar de fora dele — e consegui. Mas aqui? Já é difícil o bastante manter minha segunda vida em segredo enganando

apenas algumas pessoas. Numa “atmosfera íntima” — palavras do livreto, não minhas —, serei notada se tentar desaparecer discretamente.

Que diferença isso faz?, pergunto a mim mesma. É só questão de mentir para mais algumas poucas pessoas.

Não é o caso de contar mentiras diferentes para grupos diferentes aqui. Tenho só que convencer a todos de uma coisa muito simples: de que eu sou normal. O que com certeza seria mais fácil se eu tivesse dormido mais de algumas horas por noite nas últimas três semanas, se não estivesse sendo assombrada pelas lembranças de uma História que tentou me matar. Mas, e daí? Cenários perfeitos não existem.

A maioria dos alunos já seguiu para o campus agora, então atravesso o estacionamento, prendo Dante ao bicicletário e tiro as calças de trabalho de debaixo da saia. Chegando ao portão da frente, não posso deixar de sorrir levemente. Um enorme *H* de metal foi entremeadado às barras. Tiro uma foto com o celular e mando para Wes com a legenda *Abandonai toda a esperança, vós que aqui entráis* (a inscrição nos portões do inferno, segundo Dante, e o trecho favorito de Wesley). Segundos depois, ele responde com uma carinha sorridente, o que basta para que eu me sinta menos só ao pisar no campus.

A Escola Hyde é feita de pedra e musgo; a maioria dos edifícios está distribuída em torno de um pátio quadrado. Todos são interligados por caminhos, pontes e corredores, em uma versão em miniatura da universidade em que papai está trabalhando agora. (Acho que essa é a ideia por trás de uma escola preparatória para a faculdade). Tudo em que consigo pensar ao longo do meu caminho por uma rua arborizada até o prédio da administração, com sua fachada coberta de hera e um relógio na torre, é como Lyndsey iria adorar isso aqui. Mando uma mensagem para ela dizendo isso e, segundos depois, ela responde.

Quem é?

Ha. Ha.

A Mackenzie Bishop que conheço não carrega o celular, muito menos envia mensagens de texto.

As pessoas evoluem.

Você fez isso por causa do menino emo, não foi?

Não.

Não tem problema, eu te perdoo.

Reviro os olhos e guardo o celular antes de soltar um último e profundo suspiro, e abrir as portas do prédio da administração. Sou posta num enorme saguão de vidro, com corredores partindo em várias direções. Consigo encontrar a secretaria e uma mulher com um coque assustadoramente esticado me entrega o horário e informa a sala, mas, em vez de dar meia volta, sou mandada para umas portas diferentes que dão num salão repleto de estudantes. Não tenho a menor ideia do que fazer em seguida. Faço o possível para ficar fora do caminho, repetindo mentalmente a frase *Não vou pegar um mapa, não vou pegar um mapa*. Estudei o layout do campus, de verdade. Mas estou cansada. E mesmo com um bom senso de direção, é como nos Estreitos, onde temos que conhecer o labirinto andando por ele.

— É no prédio ao lado, segundo corredor e terceira sala à esquerda.

A voz vem de trás de mim e me viro para dar de cara com um veterano (listas douradas sobre o uniforme preto) olhando para mim, de cima.

— Perdão?

— Pré-Cálculo, com o Bradshaw, ala da matemática, sala 310 — diz ele, apontando para o papel na minha mão. — Me desculpe, não tinha a intenção de olhar por cima do seu ombro. É que você parecia um pouco desorientada.

Dobro o papel e enfo de volta na mochila.

— Ficou tão óbvio assim? — pergunto, tentando manter um tom calmo.

— Parada no meio do prédio da administração com um horário de aulas e um jeito perdido? — pergunta ele. — Não pode me culpar por querer ajudar. — Ele sugere certa sensibilidade, dos cabelos negros e bronzeado intenso ao sorriso aberto e olhos dourados. Mas então se adianta e estraga tudo ao dizer: — Afinal, a situação toda tem um toque “donzelesco”.

O ar esfria ao redor.

— Não sou uma donzela — digo, sem qualquer humor na voz. — E não estou em apuros, se é o que você iria dizer em seguida.

Ele recua; mas em vez de se retirar, não cede terreno. O sorriso se suaviza, tornando-se algo mais genuíno.

— Acho que acabei de dar uma bola fora, não foi? Deixa eu começar de novo. — Ele estende a mão. — Meu nome é Cash.

— Mackenzie — respondo, controlando-me ao toque de sua mão. O som que enche minha cabeça é alto, já que o ruído dos vivos sempre é alto, mas estranhamente melódico. Cash é feito de jazz e risadas. Nossas mãos se soltam e o som desaparece, substituído em seguida pelo primeiro sino, que ecoa pelos corredores vindo da torre do relógio.

E é assim que começa.

— Deixa eu te levar até a sala de aula — diz ele.

— Não é preciso.

— Eu sei. Mas eu ficaria feliz do mesmo jeito.

Hesito, mas tem algo nele que me faz lembrar de Wes — talvez o jeito como ele para, talvez aqueles sorrisos fáceis — e, a essa altura, provavelmente eu chamaria mais atenção recusando; as pessoas já estão nos olhando ao passarem apressadas para a aula. Então concordo com a cabeça e digo:

— Vá na frente.

Logo me arrependo.

O resultado de ter Cash como acompanhante é um caminho cheio de interrupções — ele fica parando para cumprimentar, abraçar, bater os punhos com *todo mundo* —, além de chamar ainda mais atenção do que jamais almejei, já que ele me apresenta para cada um. E mesmo com o primeiro sino já tendo tocado e os corredores se esvaziando, todo mundo para e cumprimenta de volta, acompanhando-nos por alguns passos enquanto conversam. Quando por fim Cash me leva por um dos corredores elevados que interligam os prédios até a ala da matemática e me deixa na sala 310, estou aturdida com toda aquela atenção.

Então ele simplesmente desaparece, com não mais do que um sorriso e um “Boa sorte!”.

Nem tenho a chance de agradecer, quem dirá pedir alguma indicação de para onde ir depois. Dezesseis pares de olhos se deslocam até mim quando entro, com o espectro de interesse comum. Apenas a atenção do professor se mantém no quadro, onde ele escreve algumas instruções sob o título *Pré-Cálculo*. A maioria das cadeiras já está ocupada; em uma estranha e distorcida versão da dinâmica da minha antiga escola, e o que sobra para mim é a última fileira, em vez de os desprezados lugares da frente. Ajeito-me na última cadeira vazia com o professor já começando, e sinto meu peito finalmente começar a relaxar.

Esperar pelo começo de algo é sempre pior do que o começo de fato.

Quando a aula começa, fico aliviada ao perceber que, mesmo sob o musgo, as pedras e os uniformes, a escola ainda meio que parece uma escola. A gente pode vestir um uniforme, mas isso não muda muito como são as coisas nos diferentes lugares. Eu me pergunto qual terá sido a primeira aula da Lyndsey. Ela vai se sentar na primeira fila, é claro. Quem será que vai ficar à sua esquerda, quem vai rabiscar nas margens de seus livros quando ela não estiver olhando? Fico imaginando o que Ben estudaria, mas me dou conta disso e direciono os pensamentos para as equações no quadro-negro.

Sempre fui boa em matemática. É objetivo, preto no branco, certo ou errado. Equações. Da via as pessoas como um livro a ser lido, mas sempre pensei nelas mais como fórmulas — cheias de variáveis, mas sempre

o resultado da soma de suas partes. É isso o que o barulho delas é, na verdade: todos os componentes da pessoa sobrepondo-se em camadas confusas. Pensamentos, sentimentos, memória, tudo desorganizado, até que a pessoa morra. Então, tudo é compilado, ordenado nessa coisa linear, e dá para ver exatamente no que resultou a soma das partes. Ao que se igualam.

Tique. Tique. Tique.

Percebo o som na pausa entre duas explicações de Bradshaw. É um relógio na parede do fundo e, assim que começo a ouvir, não consigo parar. Mesmo com a projeção de voz eficiente de Bradshaw (será que ele fez um curso de oratória ou de teatro, e como será que acabou virando professor de Pré-Cálculo?), ali está: baixo, constante e nítido. Da costumava dizer que era possível isolar os sons nos Estreitos caso se tentasse, distinguir as notas e trazê-las para o primeiro plano, deixando o resto se perder de volta. Eu me fixo no *tique tique tique*, e logo a voz do professor desaparece, o relógio é tudo que consigo escutar, discreto e constante, como um pulso.

Tique. Tique. Tique.

Tique. Tique.

Tique...

Então, entre um tique e o próximo, as luzes se apagam.

De uma vez, todas as luminárias com lâmpadas fluorescentes piscam e se apagam, mergulhando a sala na escuridão. Quando voltam, a sala está *vazia*. Dezesesseis alunos e um professor, todos desaparecidos num piscar de olhos, sobrando apenas cadeiras vazias, o tique-taque do relógio e uma faca tocando meu pescoço com a suavidade de um beijo.